

Apontamentos da Assembleia com Julián Carrón
na Equipe dos Liceus
Cervínia, 3 de setembro de 2016

- *Haja o que houver*
- *Leaning on the everlasting arms*

Alberto Bonfanti. Agradecendo do fundo do coração ao Julián, que está aqui conosco e nunca nos abandona, releio o convite para esta assembleia, que partia da sua mensagem no Tríduo: “Todos sabemos, por experiência, que não é fácil encontrar quem viva à altura do próprio desejo. Do mesmo modo, sabemos que sem a presença de um amigo depressa nos renderíamos diante das urgências da vida”. Partindo disto, perguntamo-nos: “Tu fizeste experiência neste tempo depois do Tríduo, principalmente durante as férias, de um amigo que não te abandona?”. Vamos começar a assembleia.

Julián Carrón. Vocês encontraram alguma resposta para esta pergunta nas Laudes que acabamos de rezar? *Silence!*

Olhem que podemos começar a manhã sem estarmos presentes naquilo que fazemos, e então aquilo que fazemos não serve de nada para o objetivo: procurar alguém à altura do desejo. Quem de vocês encontrou nas Laudes desta manhã alguém à altura do seu desejo? Ninguém! “Corro para alcançá-Lo, visto que já fui alcançado por Cristo” (Fl 3,12). Quem diz isto? Ninguém responde. São Paulo! São Paulo tinha encontrado Alguém que não apenas o tinha alcançado, mas que lhe tinha desencadeado todo o desejo. Corro para alcançá-Lo justamente por ter sido alcançado por Cristo. Há um Amigo que não apaga o meu desejo, que não o põe de lado, que não o reduz, mas que o exalta, e por isso me faz correr para alcançá-Lo. O que será que São Paulo encontrou para falar assim? Ele, que sempre teve esta tensão – como ele mesmo diz em suas cartas: “Se algum outro pensa que pode confiar na carne, eu mais ainda: fui circuncidado no oitavo dia, sou da raça de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu filho de hebreus; quanto à observância da Lei, fariseu; no tocante ao zelo, perseguidor da igreja; quanto à justiça que vem da Lei, irrepreensível” (Fl 3,4-6), não se contentava com um nada, com uma vida tranquila –, o que será que encontrou para afirmar que o que lhe aconteceu despertou a sua vontade, pôs em ação todo o seu desejo de correr para alcançá-Lo? Sem isto a vida seria chata, rapazes! Mais cedo ou mais tarde, depois da efervescência da adolescência, tudo se torna chato. Era um adulto que dizia isto, e todos nós, mais jovens que ele, gostaríamos de ter este desejo de corrermos assim para alcançá-Lo. Digo isto porque tenho muita pena se perdermos o sentido do que fazemos, porque se não é assim, ou seja, se não nos exalta rezar as Laudes, então torna-se um formalismo celino que mais cedo ou mais deixará de vos interessar. Rezar já não é um ir à procura de alguém que me ponha de novo em ação, para o qual eu corro; como aconteceu com Maria Madalena: já não se podia conter e então levanta-se antes de toda a gente para ir procurá-Lo. Senão já somos velhos; mesmo que vocês tenham a ilusão de ser jovens de idade, são velhos! Maria, ainda és jovem ou não?

Acho que sim. Este verão fui passar três semanas em Dublin para estudar inglês e lá conheci muitas pessoas, sobretudo italianos, que estavam na escola comigo. A primeira coisa de que me conta foi que eu era um peixe fora d'água em relação a eles, no sentido em que era a única cristã, a única – achava eu, pelo menos – não cínica, com uma esperança, todos os outros estavam já...

Vejam: “A única não cínica, a única com uma esperança”, na sua idade, entre todos os colegas.

Falando com uma colega, a certa altura começámos a falar da religião, e ela disse-me: “Eu deixei de acreditar, porque acho que é tudo uma aldrabice que o homem inventou porque tem medo de morrer e assim tem uma esperança para seguir em frente. Eu não tenho medo nenhum de morrer, porque depois desapareço, nem tenho medo de sofrer, porque depois não vou sentir mais nada. Só tenho pena pelos que ficam”. Eu aí disse-lhe: “Como assim? Não é possível. Eu quero acreditar que, se temos o desejo de que as coisas não acabem, deve haver algo que o satisfaça”. Depois

passsei o meu verão inteiro, todos os dias, a pensar no que ela tinha me dito, e isso deixou-me em crise, porque me dei conta de que parece mais fácil, por mais que dececione, e até mais racional, acreditar que vivemos a nossa vida e depois desaparecemos do que ter de acreditar no Paraíso, que me parece um pouco como um sonho duvidoso, indemonstrável. Esta é a primeira coisa: parece-me que a hipótese dela, que abalou toda a minha vida em que fui cristã, é mais credível do que a minha, mais defensável. A segunda pergunta diz respeito aos Liceus...

E então por que é que estás aqui?

Estou aqui por causa desta pergunta, para encontrar uma resposta.

Por causa desta pergunta. Ótimo. Essa já é uma razão adequada: por causa de uma pergunta.

E a segunda é esta: ao contar isto...

Podemos retomar a primeira pergunta? O que é que tens na tua experiência para responder a esta pergunta? Prestem atenção, porque vocês, não se dando conta do que acontece, não identificam nas vossas vidas a resposta à pergunta; e assim uma pessoa que encontras “atropela-te” com a primeira pergunta que te faz. E qual é a tua tentação? Vir aqui para eu responder à tua pergunta. Mas eu não tenho nenhuma intenção de responder. Só quero ajudar-te a encontrar a resposta. Vamos fazer isto juntos, eu não faço nada independentemente de ti, porque senão eu teria ficado em casa hoje. Vamos fazer juntos a descoberta partindo do que tu disseste, porque tu já nos disseste, a questão é que não te dás conta disso. O que é que tu disseste? Se tu estivesses consciente, poderias ter dito a essa amiga... já te dei uma pista quando retomei a tua frase: “a única não cínica, a única com uma esperança”. Tu gostarias de ser cínica como ela, sem esperança?

Não.

Então de onde te vem essa esperança?

Da vida que vivi.

Então tens alguma coisa a dizer à tua amiga?

Sim.

Não um sonho, porque um sonho não te desperta essa esperança. Foi um sonho o que te impediu de sucumbir ao cinismo?

Não.

O que foi?

Uma vida concreta.

Um facto! Um facto, não um sonho. Um facto! Mas, como não nos damos conta disso, não vemos a diferença. Tu gostarias de te tornar como as pessoas que encontraste lá? Não. Por que não? Porque és mais moralista? Porque és uma carola? Porque tens medo da morte, como ela diz? É por isso que tu não queres ficar assim? Não. Porquê? Para não perder o melhor da vida. Tudo, menos medo!

Posso fazer uma segunda pergunta?

Vai, força! O meu professor dizia-me: “Os bons toureiros fazem-se diante dos bons touros”. Eu preciso de um touro. Por isso te estou a desafiar, senão não posso dar o melhor de mim. Preciso de ti, desafia-me tu também!

Eu pensei na minha vida, pensei no Movimento e disse-me: até me poderia ir embora e ver como fico sem ele, porque de facto é a experiência que me faz ser cristã.

Certo. E então?

Eu não posso ir-me embora, não posso, não consigo. Mas a dúvida que me surgiu foi esta: e se o Movimento for só uma bonita forma de viver que o homem encontrou num dado momento da história? A dúvida que me surgiu é que, por mais que eu seja afeiçoada aos Liceus e não possa viver sem eles, isso poderia ser uma bonita forma de viver que o homem encontrou, mas depois vamos desaparecer ainda assim.

Poderia ser. Ou poderia ser o contrário. Deixa aberta esta pergunta, porque não sou eu que lhe posso responder. Não é que não queira responder-te, o problema é que não adianta de nada que eu te responda. É preciso que tu o verifiques na tua experiência. Até agora o Movimento foi capaz de despertar toda a vontade de viver que tu não vês nas pessoas da tua idade? O que te faz pensar isso? Que todos os outros, com tudo o que têm na cabeça, com todas as suas teorias, não têm nem um

instante dessa experiência que tu tens, e não têm um instante desta vitória contra o cinismo que tu tens. Tu tens que ter isso em conta. O que é que despertou a tua esperança? Foi só uma ilusão? Foi só um sonho? O que fez surgir em ti essa esperança foi alguma capacidade tua de realização, ou foi alguma coisa que te aconteceu na vida?

Houve alguma coisa.

Então, como dizia Dom Giussani às pessoas no início do Movimento, a vida dos Liceus é fazer a verificação disso. E tu irás crescer na certeza, mesmo diante de todas as objeções das pessoas que encontras no teu caminho, como quando vais a Dublin, porque estás cheia de razões. Porque ir a Dublin e encontrar uma rapariga como aquela deu-te mais razões do que aquelas que levas contigo. Se tu agora te desses conta do que disseste, devido ao encontro com uma pessoa que te fez aquela pergunta, deverias agradecer-lhe pelo resto da tua vida, porque te tornou consciente daquilo que trazes contigo. Então percebemos que até mesmo aquilo que sentimos como objeção, até mesmo alguém que nos deixa em crise, é um bem para nós. Ainda bem que há alguém que me deixa em crise, porque assim dou-me conta daquilo que trago comigo. Lembra-te de algum episódio da vida de Jesus em que os apóstolos tenham entrado em crise e isso os tenha feito perceber o que tinham encontrado? Não é que os discípulos tivessem sido uns sortudos por terem Jesus, enquanto que nós somos uns “azarados” porque não O temos à nossa frente. Nós temos todos os sinais dos apóstolos e todos os desafios dos apóstolos. Dá-me um exemplo do Evangelho em que se veja isso. Um, não é muito, um!

Talvez quando estão no barco e chega a tempestade; Jesus está a dormir, e eles ficam com medo porque estão a afundar, talvez.

Esse é um.

Jesus está a dormir e então acordam-no, Ele acorda tranquilo e aplaca a tempestade.

Esse é um exemplo. Quando foram realmente desafiados foi quando ficaram sozinhos com Jesus, depois de todos os outros se terem ido embora (como aconteceu contigo: eras o único peixe fora d'água), porque todos os outros pensavam: “Mas este é louco!”. Depois de O terem ouvido falar do pão da vida que era o Seu corpo, exclamaram: “Esle está completamente louco”. E foram-se todos embora. Naquele momento os discípulos entraram em crise, exatamente como aconteceu contigo. E o que fez Jesus para os ajudar a enfrentar a crise? Realizou mais algum milagre? Como se dissesse: “Agora vou resolver a vossa crise com um milagre e digo-vos quem sou”. Mas eles já tinham visto milagres demais, os discípulos. Mais um milagre teria resolvido alguma coisa? Não. Se Jesus tivesse usado efeitos especiais “à Hollywood”, será que os teria atraído mais? Os efeitos especiais não servem para atrair. O que mais fez Jesus pelos seus amigos? Fez-lhes uma pergunta: “Vós também vos quereis ir embora?” (Jo 6,67). Em vez de lhes dar qualquer outra razão para ficarem, Jesus desafia-os ainda mais. Não resolve a crise, como muitas vezes os adultos querem fazer com vocês, dando-vos eles mesmos as respostas. Jesus não se comporta assim, faz mais uma pergunta, radicaliza a crise dos discípulos. Por quê? O que é que Jesus está a fazer? Que confiança tem Jesus nos apóstolos para lhes fazer uma pergunta sem dar a resposta? É aquilo que eu estou a fazer contigo. Estou a dizer-te que já tens a resposta à tua pergunta na tua experiência, mas não te dás conta disso. Como é que te ajudo? Fazendo-te uma pergunta – como fez Jesus: “Vós também vos quereis ir embora?” –: por que é que vieste aqui esta manhã?

Para responder a esta pergunta.

Tu tiveste que te dar razões para estar aqui hoje, porque, se tivesses sido cilindrada pela crise, terias pensado: “Isto é um grupo de doidos varridos, não volto mais”. Por que razão, então, estás aqui? Porque fizeste um percurso, e a crise não te derrubou. E este percurso deu-te uma razão, de facto tiveste que te dar uma razão para vires aqui. Isto fez-te crescer, ser mais tu mesma. Mas não porque tenhas tido uma visão, ou porque Jesus tenha usado efeitos especiais, ou porque alguém te tenha convencido de que os outros são “loucos”. Não. Porque te permitiu percorrer a experiência que fizeste. E o que faz Jesus com a pergunta aos discípulos? Obriga-os a darem-se as razões pelas quais estão com Ele. E para se darem as razões, precisam de rever toda a vida que transcorreram com Ele. Jesus vai induzi-los a retirar das próprias entranhas da experiência que viveram com ele a

consciência da razão pela qual vale a pena ficar com Ele; e então Pedro diz: “A quem iremos, Senhor?” (Jo 6,68). Como te aconteceu a ti: se me vou embora daqui, aonde vou? Então a crise é um momento exaltante, se uma pessoa não se assustar. Jesus, em vez de responder, desafiou-os. Muitas vezes somos preguiçosos, e despejamos a pergunta em cima de alguém que nos poupe de responder. Mas um amigo é aquele que acredita realmente que tu és capaz de identificar na tua experiência o que já existe, e por isso te desafia e te diz: “Deixa de ser preguiçosa, leva a sério a tua pergunta e vai procurar a resposta na tua experiência, porque ela está lá, caso contrário não estarias aqui”. Por que é que estou convencido de que tu a tens? Por causa do que disseste primeiro. Não preciso de inventar nada e não preciso de fazer um ato de fé nalguma coisa que não vejo para me convencer de que tu tens a resposta. Repito-o: uma pessoa é tua amiga se te ajuda a fazer este trabalho, senão está a brincar contigo poupando-te dele, porque é como se te dissesse: “No fundo, no fundo, tu és burra, não consegues chegar à resposta, por isso eu dou-te”. Não! Tu não és burra; Jesus não trata os discípulos como burros. Mas se te deixas tratar como burra, não é porque o sejas, mas porque aceitas ser tratada assim. Não ponham a culpa nos adultos por agirem assim, porque vocês não são burros, mas fingem ser! Estão a ver como para viver é preciso atirar-se para a frente? Isto é exaltante, porque então qualquer coisa que fazemos é por isso, ninguém nos pode poupar disso. Porque a resposta está em ti. Talvez seja uma pergunta que devemos fazer, como tu fizeste agora, para nos ajudarmos a redescobrir o caminho. Mas o caminho é verdadeiro se te faz descobrir o que tu já tens na experiência, não devo dizer-te uma coisa só porque tu tens que me ouvir. O começo de tudo é um facto que nos aconteceu e que, por isso, temos na nossa experiência. Obrigado.

Quando me enviaram a pergunta sobre a qual era preciso trabalhar para a Equipe, pensei logo que não podia deixar de contar o que me aconteceu este verão. Durante todo o mês de julho, fui fazer umas férias de estudo em Dublin com três amigas para aprender inglês. Antes de partir, não tinha ideia de que é que eu ia encontrar. Estava muito assustada com esta nova aventura, porque não conhecia muito bem as amigas com quem ia. Os primeiros dias, de facto, foram terríveis. Não gostava da família que me recebeu e senti-me realmente muito só. Já não via a hora de voltar para casa para os meus amigos, o meu namorado e a minha família, e o meu único pensamento estava voltado para o que estava a perder na minha cidade. A realidade, porém, era outra, e agora tinha de ficar lá, por isso tudo o que podia fazer era confiar-me a Outro e aceitar o que me era dado. Eu, na verdade, não sabia muito bem como fazer. Confiar-se é muito mais simples de dizer do que de fazer. Mas esse mês também me serviu muito para entender isto.

Estão a ver? Este mês também serviu para entender, porque não se entende virando a cabeça para o lado, mas atravessando as circunstâncias.

De facto, tudo mudou quando me dei conta de que eu, na verdade, não tinha de fazer absolutamente nada a não ser eu mesma diante de tudo o que encontrava. O resultado foi muito bonito mesmo. Quando encontramos pessoas de outros países que têm uma vida, pensamentos, uma religião diferente da nossa, somos obrigados a confrontarmo-nos com eles, a estabelecer um diálogo. E a partir do momento em que me confrontava com essas pessoas, elas apercebiam-se de que em mim havia algo diferente que as interessava. Sem que eu fizesse nada de especial, as pessoas notavam em mim algo de verdadeiro e de interessante para seguir. Um exemplo disto é uma bonita amizade que nasceu com alguns jovens turcos que estavam na minha turma. A princípio eles não falavam com ninguém, eram muito fechados e quase que faziam medo às outras pessoas. Um dia o meu professor mandou-me fazer o speaking com esses dois rapazes; ao princípio eu não sabia o que fazer, porque eles não queriam falar comigo. Assim decidi atirar-me e comecei a contar-lhes tudo o que tinha feito no dia anterior. Falei durante cerca de dez minutos sem parar quando, a dada altura, me escapou que, como tinha sido domingo, eu tinha ido à missa. Aqueles dois rapazes turcos, muçulmanos, de repente levantaram a cabeça e começaram a fazer imensas perguntas sobre a minha religião. Eu não pensava no que estava a acontecer, mas dessa conversa com eles nasceu uma belíssima amizade. Eles abriram-se imenso comigo e depois também com

toda a turma. Falávamos muitas vezes e confrontávamo-nos sobre as nossas religiões. Um dia, falando disso mesmo, fizeram-me notar uma coisa que me marcou muito. Durante a aula, o Omar, um deles, perguntou-me há quanto tempo eu era cristã; sem quase pensar, respondi que sou cristã desde o berço, ainda que tenha feito o encontro com Cristo graças à companhia dos Liceus quando entrei para o secundário. Aqueles dois rapazes ficaram surpreendidos com o que eu lhes estava a dizer e com os olhos escancarados olharam-me e disseram: “Estás a ver? É justamente isso o que nos falta: um encontro verdadeiro, porque a nossa religião muitas vezes é-nos imposta, ao passo que dá para ver que tu a tens viva dentro de ti”. Quem diria? Dois turcos que me fazem lembrar o que eu tinha encontrado, que me fazem perceber ainda mais o que eu tinha. Todo o resto do mês foi cheio de encontros com pessoas que, olhando para mim, ficavam impressionadas com a minha maneira de estar diante das circunstâncias. Outro exemplo muito bonito foi a amizade que nasceu com um rapaz siciliano. Três dias depois de nos conhecermos, ele veio ter comigo dizendo estas palavras: “Sabes, eu dou-me conta de que na vida há uma grande diferença entre as pessoas que existem e as pessoas que vivem, e tu tens olhos que vivem. Diz-me como é que fazes. Eu preciso de aprender a viver”. Falando com ele, percebi como tínhamos o mesmo desejo de estar bem, a mesma necessidade de ser felizes. Durante este mês dei-me conta da importância da Escola de Comunidade. De facto, mesmo estando noutra cidade, com amigas diferentes que não são do meu grupo, sentimos a necessidade de continuar a fazê-la, mesmo sendo apenas quatro. Um dia também convidei para a Escola de Comunidade aquele rapaz siciliano, que a princípio recusou. A meio do encontro, entrou na sala onde estávamos, perguntando se podia ouvir um bocadinho. No momento em que entrou, eu estava a contar o quanto me sentia amada naquele momento, com um amor tão grande que definia a minha maneira de estar diante das coisas. No fim da Escola de Comunidade, o siciliano veio falar connosco com toda a sua necessidade e perguntou-nos: “Vocês sentem-se mesmo amadas? Porque eu quero sentir-me assim. Quero estar bem, como vocês”. Estes são exemplos banais que marcaram todo o meu mês em Dublin. Recebi um presente atrás do outro. Todos os dias havia algo ou alguém que me fazia perceber cada vez mais a grandeza que encontrei. Cada dia, para mim, era sempre mais uma confirmação, mesmo que banal: um professor, a meio da aula, um dia olhou para mim e perguntou-me como é que eu fazia para estar sempre contente na aula. Nunca tinha tido um aluno tão sorridente e apercebeu-se de que o meu sorriso tinha mudado toda a turma. No último dia, quando veio despedir-se, disse-me que se lembrará do meu sorriso por muito tempo. Outro professor, que era uma figura meio estranha, gostava muito de nos fazer falar na aula sobre temas muito difíceis, como a religião, os gays ou o género; muitas vezes encontrei-me sozinha na sala a defender as minhas opiniões e aquilo em que acreditava. Este meu professor era sempre o primeiro a opor-se a mim e tentava de todas as formas provocar-me e fazer-me perguntas para as quais eu não conseguiria encontrar respostas. Em todas essas conversas eu tentava não ir contra ninguém, mas simplesmente ser verdadeira com o que pensava e com o que encontrei. Também esse professor, no último dia, veio ter comigo agradecendo-me e dizendo-me que não é que tivesse mudado de ideias, mas que nunca tinha encontrado uma jovem que fosse tão verdadeira diante das coisas em que acredita. Um dia uma rapariga que tínhamos conhecido veio falar comigo agradecendo-me por eu lhe ter ensinado um olhar que se pode ter diante das outras pessoas. A coisa mais bonita é que tudo isto que aconteceu durante este mês não acabou, mas ainda dura. Todos os dias os amigos turcos me pedem para lhes escrever porque precisam desta amizade. Quando voltámos, de vez em quando o rapaz siciliano escrevia-me que não sabia como fazer, pois na sua cidade não havia pessoas como nós que o ajudassem a levar a sério todas as suas perguntas. Depois, na verdade, há poucos dias escreveu-me uma linda mensagem, dizendo-me que se tornou cristão. Uma rapariga veio agradecer-me e agora vai connosco às férias de verão. Mas tudo isto aconteceu não só com as pessoas que encontrei em Dublin, mas também com todos os que tinha deixado em Rimini. Quando voltei, também tinha mudada a maneira de estar diante dos meus pais, do meu namorado e dos meus amigos, e para mim foi mais ainda uma confirmação. Quando estamos noutra cidade, percebemos que só estaremos com as pessoas que estão à nossa frente durante um mês da nossa vida, e então sentimo-nos obrigados a perguntar o que queremos

ser, enquanto que às vezes, quando estamos na nossa cidade, corremos o risco de sermos esmagado pelos hábitos. Na verdade, para mim não foi assim, porque quando regresssei tinha em mim uma consciência diferente. Dei-me conta de que o encontro com Cristo me tomou toda. Posso até não pensar nisso, posso cair em todos os pecados humanos, queixar-me de que as coisas não correm como eu quero, mas esse encontro já definiu tudo: a mim mesma, à minha vida, à minha maneira de estar diante das coisas. Este Amigo já não me abandona, cabe-me a mim reconhecê-Lo. Retomando a pergunta que nos foi feita para a Equipe: eu dei-me conta de ter encontrado este Amigo durante todo o verão nos amigos que foram colocados ao meu lado, tanto em Dublin como em Rimini, não fui abandonada nem um segundo. E isto porque nas pessoas que encontrava estava o reflexo do que eu encontrei

Então o que é que aprendeste com isso? O que te fez pensar deste Amigo? O que é que aprendeste com a pergunta que vos foi feita sobre “um amigo à altura do desejo”? Tudo isso que encontraste fez-te perceber o quê?

Fez-me perceber que muitas vezes eu invento grandes paranoias.

Perfeito. Paranoias! Subscreevo: paranoias! Fazemos das paranoias uma realidade e depois vamos atrás das paranoias como se fossem realidade; porém são apenas paranoias!

Na verdade, no fim de contas não preciso de inventar todas estas paranoias, porque o que encontrei é realmente muito maior e, como dizíamos antes, eu já fui conquistada por Ele.

Sim, mas tu neste verão não encontraste nem sequer uma pessoa que encaixe no conceito de “amigo” que muitas vezes nós temos. Muitos poderiam ter passado o mês inteiro em Dublin lamentando-se porque não estavam lá os amigos das suas cidades. Mas o que é que tu descobriste no que nos contaste?

Descobri que, antes de tudo, o amigo estava dentro de mim.

Ou seja?

Quer dizer que eu é que o tinha.

Que tu é que o tinhas! O que quer dizer que tu é que o tinhas? É uma imaginação tua?

Não.

O que quer dizer que tu é que o tinhas? Onde estava?

Em mim mesma.

“Em mim mesma”. Tens que explicar-me isso bem, pois não sei se o percebeste.

Saía de mim no momento em que...

“Saía de mim”. Eras tu que o inventavas, o criavas, o geravas?

Não. Era um facto.

Explica-me bem como é que isso acontece.

Simplesmente, no amigo que te diz: “Tu tens olhos que vivem, nesses olhos...

Nesses olhos?

... há alguma coisa”.

E esses olhos, como é que tu os geraste?

Graças a um encontro com Cristo.

Não vamos perder o fio à meada de como aconteceram as coisas. Onde é que tu viste Cristo? O que é que produziu esses olhos que encontras em ti?

Um amor que senti...

Um amor?! Se disserem essas coisas em público, as pessoas vão pensar que vocês perderam a cabeça. Se o disserem a mim, até passa, mas se disserem a outro ele responderia: “Isso confirma-me que não vale a pena ser cristão”. Por isso, explica bem o que te aconteceu, sem te afastares nem um milímetro da experiência feita. Conta-me como alcançaste aquele olhar. Porque é disso que vocês não se dão conta. Que caminho fizeste para identificares agora esse olhar em ti? Porque é verdade aquilo que tu dizes, que tens o olhar em ti mesma, que está dentro de ti, mas como é que chegou lá? Tinha-lo por natureza? Já estava em você by default? E por que razão é que os outros todos não o têm? Se estivesse presente por natureza, os turcos, o siciliano, o professor, todos aqueles de quem tu

falaste deviam tê-lo como tu, mas eles nem sequer sonham com isso. Então, como é que chegou a ti? Tiveste alguma visão?

Não, não.

Alguma aparição?

Não.

O que aconteceu?

Eu tenho bem presentes alguns rostos de amigos e de adultos...

Antes de tê-los bem presentes, o que é que teve de acontecer? Na origem não os bem presentes, não sabias sequer que existiam. Vocês saltam todas as etapas. Antes tu sabias que esse olhar existia, sabias isso desde o nascimento?

Não.

Nem mesmo tendo sido educada – tu disseste isso antes –, porque vocês não se dão conta do que dizem. Qual é a diferença que o rapaz turco reparou em ti? É algo que ele não tem e que tu, pelo contrário, tiveste. Tu acabaste de o dizer. Que palavra usaste? Uma palavra!

Um encontro.

Perfeito! E um encontro com o quê? Com uma imaginação? Com um sentimento? Com o amor que tinha asas? O que era? Um rol de leis? Algum manual de instruções qualquer? O que era? Um encontro com uma carne, com rostos, com homens nos quais tu surpreendeste esse olhar. Tanto é verdade, que o turco identifica muito mais que do que tu a dimensão do encontro, porque ele se dá conta da questão: “Qual é a grande diferença entre mim e tu? Que eu sempre estive dentro de um costume”, dizia ele: algo estabelecido, o que é pior; “mas o que falta na minha religião é um encontro”. Primeiro passo. E o que aconteceu depois? Tu deparaste com um olhar diferente; mal aconteceu, revestiu-te e tu encontra-lo em ti mesma. E o que aconteceu depois do encontro?

Que esse olhar definiu a minha maneira de estar diante das coisas.

Como? De forma mágica?

Não, não.

Houve um *flash* e depois já estava tudo bem?

Não, a consciência...

Não! Digam-me tudo, porque vocês dão tudo por adquirido, e depois dizem: “Um amor”. Não faço isto para te fazer perder tempo quando tu já o sabes, mas porque quando te faço uma pergunta tu falas-me do amor em abstrato. Percebes? Em vez de me falar do encontro com rostos concretos, com pessoas nas quais encontraste esse olhar, etc., etc. Mas como é que se tornou teu?

O meu olhar ficou assim.

Como é que se tornou teu? Logo no primeiro dia...

Vivo.

Seguiste aquelas pessoas.

Sim.

E, num dado momento, ficaste surpreendida por teres esse olhar do qual não estavas consciente. Foram os outros, fora de você, que te fizeram entender a diferença que trazes em ti. Então quem foram os amigos neste verão? Aqueles que tinhas deixado em Rimini, ou os que estavam à tua frente em Dublin e que te tornaram consciente daquilo que os amigos da tua cidade te deram?

Os que me deram essa consciência.

E onde estavam os da tua cidade, se não estavam lá contigo? Como é que os que conheceste em Dublin souberam que te tinha acontecido alguma coisa? Porque o olhar deles estava dentro de ti. Tu dizias: “eu” com um “nós” dentro. Porquê? Porque o “nós” já se tinha tornado teu, já se tinha tornado a tua diferença, já tinha se tornado a tua forma diferente de estar, o teu sorriso, o teu olhar, a tua maneira de ser, de acordo com tudo o que disseste antes. O nós tinha-se tornado a definição de ti, do teu eu. Não era preciso estar ao teu lado um dos teus amigos, porque estava dentro de ti, os teus amigos estavam dentro de ti, nós estávamos dentro de ti, estávamos em Dublin contigo. E tu davas-te conta disso porque os outros se surpreendiam contigo: “Mas por que é que tu és assim? Por que vives assim e não apenas existes?”, para usar as palavras que tu usaste. Quem te faz viver

assim? Quem te faz viver assim?! Então, em tudo isso tu disseste, usaste uma palavra: para que serviu todo este verão para o teu caminho? Que palavra usaste? O que significou tudo isso que nos contaste? Tu disseste-o com uma palavra!

Uma confirmação.

“Uma confirmação”. Uma confirmação. Sem teres ido a Dublin, sem te teres cruzado com todos eles, sem teres encontrado toda aquela diversidade de pessoas – ninguém pensava como tu –, tu não te terias dado conta da diferença que trazes em ti, da novidade que o encontro feito introduz na vida, e então tu não estarias tão certa como estás agora. Se alguém se poupasse, pensando: “Não, estou com medo, não vou”, não teria essa confirmação. Então, quando o Papa Francisco diz que nos convém sair, não está a dar instruções aos melhores para irem em missão; não, ele convida-nos a sair para vermos a confirmação em nós, na nossa experiência, do que nos aconteceu. Porque se uma pessoa não sair da sua casinha não terá a confirmação que tu tiveste. Se tu tivesses dito: “Não é possível, sem meus amigos eu não consigo ir a lado nenhum”, tu não terias tido essa confirmação. Certo? Então fazer isto é um mais ou um menos?

É um mais.

E isto não quer dizer que tu tens de ir sempre sozinha, porque tens os amigos dentro de ti. E dás-te conta do que eles são para ti, do que quer dizer pertencer a Cristo na comunidade cristã, precisamente por essa experiência feita: tu podes ir até ao fim do mundo. Como aconteceu com os discípulos: não ficaram fechados no cenáculo; no começo sim, antes de serem invadidos pelo Espírito Santo ficaram todos amedrontados, sozinhos, cheios de medo do que havia lá fora, mas depois foi uma explosão: foram pelo mundo fora, não ficaram a lamber as feridas dizendo: “Somos uns coitados, Cristo foi-se embora, estamos aqui sozinhos”. Ele já tinha entrado dentro deles até à medula, e por isso foram pelo mundo fora, não só para contar o que tinham visto, mas também para viver. Tu vais para Dublin para estudar inglês, e sem te preocupares com isso, fazes a missão. A missão não é uma coisa que se acrescenta à vida, algo que “devo” fazer. Sem nem sequer ter o propósito, tu fazes missão vivendo a tua vida. E a primeira beneficiada desta forma de agir és tu. Imagina se todas as coisas que vivemos, se todos os desafios da vida que temos de enfrentar fossem para essa confirmação. É esta a beleza da situação atual, meus amigos: estamos num mundo plural; mal saímos de casa, encontramos-nos neste mundo global onde cada um pensa de forma diferente. Ainda bem, porque finalmente podemos ser cristãos “livremente”, sem que tenham de haver condições particulares; não temos outra condição senão o que se passou connosco. Como aconteceu aos primeiros que O encontraram: todo o império Romano era diferente, havia o Panteão com todas as religiões, e será que isto os assustou? Pelo contrário: foram mostrar, no viver, a diversidade que eram, que carregaram dentro de si. E todos, como tu, se davam conta disso. Não é porque fossem grandiosos, porque fossem importantes, porque ocupassem um dado posto na administração, não sei que grau na administração romana, pois aquela diferença passava através dos escravos, dos mercadores, dos soldados, das pessoas normais como tu, que vão estudar inglês. E nunca como no início a Igreja foi tão missionária. O problema é quando “temos de” fazer a missão, pois isto quer dizer que tem de haver algum “especialista” da missão. Não. A missão é de todos a quem aconteceu encontrar Cristo. No dia em que “tivermos de” fazê-la, quer dizer que perdemos algo pelo caminho. Tu não fizeste um curso para a missão tendo de ir estudar inglês, tu foste missionária porque isso pertence ao teu DNA de cristã, devido ao encontro que fizeste. E todas as palavras adquirem um significado diferente. Isto é fascinante em primeiro lugar para nós, imagina para os outros, que de facto não podem deixar de desejar continuar em contato connosco depois de nos terem encontrado. Imaginem, depois de um verão como este que a nossa amiga passou, o que seria toda a vida vivida assim! Decidam vocês, malta! Se tiverem alguma coisa mais interessante para fazer, vão! Quando se cansarem, podem voltar, e nós ainda estaremos aqui – ela e eu, pelo menos – vivendo isto. Deixamos a casa aberta para vocês. Obrigado.

Em setembro do ano passado, devido a diversas situações por que passei, não estive nada bem. Sempre tive um grande desejo de ser feliz, mas naquele momento esse desejo incomodava-me

muito, porque tinha esse grande desejo e nunca conseguia ser feliz, e além disso não conseguia abrir-me com os outros, não conseguia dizer o que tinha dentro de mim, sentia-me só. O que é que aconteceu? Aconteceu que uma professora minha, antes do Tríduo deste ano, me convenceu a escrever uma carta ao Pe. Pigi a contar o que tinha dentro de mim. Então eu disse-lhe que, apesar de ser incómodo, esse desejo era a coisa mais verdadeira que eu tinha. O Pigi respondeu-me simplesmente que é assim, que a única verdade da nossa vida é esse infinito que grita dentro de nós. E então, depois do Tríduo, tudo mudou para mim, pois entendi que preciso seguir o desejo de plenitude e de felicidade que tenho desde sempre e que sempre encontrou uma correspondência no Movimento, graças aos encontros feitos e aos rostos conhecidos durante estes anos. Tudo, até a tristeza e a raiva, serve para seguir esse desejo. E desde o Tríduo, essa certeza nunca mais me abandonou, nem esta determinação de procurar sempre o que me inquieta o coração, e encontrei isso de forma ainda mais verdadeira do que antes dentro do Movimento, mas também e principalmente fora (também pelo que a rapariga antes de mim dizia), na relação com os meus amigos, com a família, com as circunstâncias deste verão, durante as férias, onde mais do que nos outros anos encontrei amigos verdadeiros. Esta procura e este desejo tornaram tudo novo, autêntico, com um gosto diferente dos anos anteriores, quando eu participava dos gestos dos Liceus sem me entregar completamente. Nunca me abandonou este desejo que eu queria tanto descrever com uma palavra menos abstrata, de tão verdadeiro e carnal é. Por isso mesmo não posso deixar de lhe chamar “Deus”. Não saberia explicar de outra maneira. Não é um desejo abstrato que me anima, é um amigo que não me abandona, porque todos os dias deixa o meu coração inquieto, à procura d’Ele, e renova-se, reafirma-se em mim cada dia. Não se afirmou no Tríduo ou nas férias, afirma-se hoje ao comunicar-vos a minha experiência, ao querer tornar todas as relações plenas, como consegui fazer desde que passei a ter esta convicção. E depois a coisa mais importante: não quero isto só durante o verão, quero-o sempre. E, por isso, a pergunta que vocês fizeram, sobre o amigo que nunca nos abandona, continua aberta para mim, como todas as perguntas mais verdadeiras. Este amigo pode estar comigo e tornar-me verdadeiro, pleno e vivo para sempre?

O que é que tu achas?

O que é que eu acho? Que tenho de verificar.

Perfeito. Perfeito! Tens de verificá-lo. E deves arriscá-lo constantemente para verificá-lo. Porque só isso é que te convencerá sempre mais. Mas antes tu dizias que esse desejo te incomodava.

Sim.

E como muitas vezes nos incomoda, porque nos agita, nos relança, nos faz tender para algo, às vezes tentamos tirá-lo da frente.

Eu realmente não sabia o que fazer com este desejo.

Essa é a questão: muitas vezes não sabemos o que fazer com este desejo. E por não sabermos o que fazer com ele, com frequência incomoda-nos, é apenas um sofrimento, é simplesmente algo que preferiríamos não ter, e então pensamos que a única maneira de nos livrarmos do desejo é a distração. A alternativa para esse incómodo parece ser a distração, mas depois qualquer coisa basta para fazer o desejo reaparecer com toda a sua força; a distração é inútil! Porque temos sempre o filho pródigo à nossa frente: ele também queria fugir, mas, num determinado momento, nem sequer no meio dos porcos podia evitar que o desejo reaparecesse. E isto é espetacular, porque nos faz entender que, o que quer que façamos, se essa coisa não for verdadeira, se não aceitar o que há de verdadeiro em nós, o desejo reaparece, reaparece, reaparece. Então o que é que isto te ensina sobre ti?

Que eu fico mais pleno seguindo esse desejo que tenho.

Que o desejo é parte constitutiva de ti, é o que te constitui. Tu és esse desejo, tu coincides com esse desejo. Tu não podes ser tu mesmo sem este desejo, que é muito mais do que aquilo que tu consegues entender. O Mistério não te dá uma aula sobre o desejo, mas põe o desejo dentro de ti, em cada fibra do teu ser, e dá-te todo o tempo da vida para perceberes porque motivo to deu. Sem isto, tudo é aborrecido. Tu dizes: esta procura, este desejo, tornaram tudo novo e autêntico, porque

sem isto, diz Gaber na famosa canção sobre o desejo (*Il desiderio*, G. Gaber e A. Luporini), a vida é um tédio. O desejo pode incomodar, mas a alternativa a não tê-lo é o tédio. Como acontece com muitos dos que renunciam à natureza deste desejo: vemo-los aborrecidos já na vossa idade. Imaginem vida que os espera! É entusiasmante só de pensar, ou não? Então, a primeira questão é dar-mos conta disto. Espero que amanhã a Marta lhes explique porquê... pensem que Dom Giussani começou o Movimento falando justamente do desejo, num momento em que ninguém falava dele a não ser para o diminuir. Parece um nada partir daí, mas quem pode falar do desejo? Quem pode olhar para o desejo? Porque, como tu dizes, não se sabe para que serve, incomoda. Os antigos pagãos não eram capazes de enfrentar o desejo e por isso tentavam reduzi-lo. O desejo era demasiado perigoso. A *hybris* era perigosa demais. Então tentavam baixar a mira, falando de *aurea mediocritas*, o termo médio, porque assim o mantinham um pouco sob controle, senão o desejo vinha à tona e criava confusões. Por isso é normal que, tendo voltado ao paganismo, as pessoas não sejam capazes de enfrentar o desejo senão para se distraírem ou para tentar apagá-lo de muitas maneiras. Só houve um homem capaz de ficar enfrentar o desejo do homem sem o reduzir, aliás, exaltando-o; por isso eu dizia antes que não podemos passar por cima das palavras de São Paulo que recitamos nas Laudes como se nada fossem. Cristo não veio para nos distrair do desejo, mas para levá-lo a sério. Quando Jesus encontra a Samaritana, ela começa a brincar com a questão da água e tudo o mais, até que Jesus lhe diz: “Para com isso! Não é um problema ter ou não ter um balde, o problema é que essa água não sacia a tua sede”. Ele começa a desafiar aquela mulher pela sede do seu desejo. E qual ela lhe pergunta: “Não tens sequer um balde para tirar a água”, Ele responde: “Eu tenho uma água que pode saciar a tua sede”, ou seja, o desejo da Samaritana. Então ela para de brincar com as palavras e diz-Lhe: “Dá-me dessa água...” (Jo 4,7-15). Só uma promessa assim pode acabar com as brincadeiras daquela mulher. Jesus não se detém muito nas tentativas desajeitadas que ela fez: cinco maridos. Mas, se Jesus não respondesse àquele desejo que a tinha feito trocar tanto de marido, ela procuraria outro, um sétimo, um oitavo. Não Lhe interessa apenas pôr ordem na vida dela, porque sabe que a única coisa que pode pôr ordem na vida da Samaritana é que encontre a resposta para o seu desejo. Que certeza devia ter Jesus de ser Ele mesmo a resposta, a ponto de não fugir diante do desejo como os pagãos; com efeito, não só não foge, como lhe faz a maior promessa: “Quem me segue terá o cêntuplo”, não só viverá, mas viverá cem vezes mais, “ou melhor, sou eu mesmo que desperto ainda mais a vossa sede. Não venho extingui-la, mas exalto-a ainda mais. Por isso ponho uma nostalgia dentro do vosso coração”.

E isso é uma coisa de todos os dias, então.

Exatamente! Porque o problema, como diz o canto latino-americano *Razón de vivir*, é nunca perdermos o anjo da nostalgia. Porque muitas vezes, quando alguém pensa que vai encontrar na pessoa amada o que realiza seu desejo, no fundo perde o anjo da nostalgia, já não sente nostalgia, acha que a realização do desejo é extingui-lo no outro. Por isso muitas pessoas dizem: eu não quero perder a nostalgia, não quero perder o desejo; por que eu iria me envolver numa relação, se depois perco o anjo da nostalgia? O problema é se há algo que responde ao desejo e ao mesmo tempo o exalta, sem fazer perder o anjo da nostalgia, pois senão tudo fica aborrecido novamente. É esta resposta e esta exaltação que Alguém introduziu na história. Por isso um grande génio como São Tomás de Aquino falava do *desiderium naturae*, que não é um desejo banal qualquer que qualquer coisa pode satisfazer, mas é o desejo que nos constitui na raiz. Por isso gosto tanto da frase de João Paulo II que Dom Giussani citava: “Não haverá fidelidade [...] se no coração do homem não se encontrar uma pergunta [ou um desejo] para a qual só Deus tem a resposta, ou melhor dizendo, para a qual só Deus é a resposta” (João Paulo II, *Homilia na viagem à República Dominicana, México e Bahamas*, 26 de janeiro de 1979), para a qual só Cristo é a resposta. Se qualquer um que passasse na rua fosse capaz de responder a este desejo que nos constitui, por que valeria a pena ser cristão? Vale a pena ser cristão só por este motivo: porque só há Um que leva a sério o desejo e o exalta. Uma pergunta (um desejo) para a qual só Cristo é a resposta. Existe Alguém que não apaga o desejo porque lhe responde, mas que o exalta justamente ao responder-lhe continuamente. Por isso tu disseste que a tua busca tornou tudo novo e autêntico – não “apagar”, mas “exaltar”! O teu desejo

torna-se novo, exaltado por Deus, porque se não existisse um outro, um “tu” diferente de ti, tudo isto seria um sonho.

Sim.

Foi Deus que te fez assim, foi Deus que colocou em ti este desejo. É Deus, é verdade, é Deus que o exalta: um “tu” diferente de ti, uma diversidade, algo exterior a ti que constantemente exalta o teu desejo. Por isso precisamos de um encontro. Por isso se tornou carne: para que o homem pudesse encontrar alguém que exaltasse o seu desejo, como a Samaritana perante Jesus, como os apóstolos perante Jesus, e como agora num lugar onde Jesus permanece: chama-se “Igreja de Deus”. Não se discute sobre a Igreja. As pessoas entendem o que é a Igreja porque permanece, para que os turcos, os sicilianos e o professor se deem conta de que tu trazes contigo, na tua vida, algo que os outros, sendo homens como nós, não têm de forma tão exaltada. E então podemos entender que gratidão devemos ter por Cristo. E isto, como disseste no fim, não pode não ser desejado para sempre. Portanto não há outro modo de viver senão procurá-Lo dia e noite, e não porque queiramos ser sei lá o quê, porque queiramos ser santos conforme a imagem de santo que temos na cabeça, mas santos porque não queremos perdê-Lo – isto é o santo – e por isso O procura sempre, dia e noite. Senão vocês irão contentar-se com migalhas. Porém, como me dizia uma rapariga este verão, uma vez que experimentamos isso, não podemos tirá-lo de nós: “Tenho saudades de mim”, dizia. Gostei muito dessa frase pronunciada por uma noviça do Grupo Adulto. O que queria dizer? Que Cristo levou a existência de uma pessoa que O encontrou a um nível de plenitude tal, que já não pode abdicar disso; de facto, quando essa experiência decaí, sinto saudade desse “eu” que alcançou o apogeu. Já não podemos contentar-nos com nada menos que isso. Por isso Dom Giussani dizia que, ao fim e ao cabo, a obediência é obediência a um “eu” tocado por Cristo, que já está dentro de mim, como experiência, nas entranhas do meu “eu”. Entrou tão fundo em mim, exaltou-me de tal forma, que eu conheço Cristo pela experiência de plenitude humana à qual me conduz. Se alguém quiser contentar-se com algo menos que isto, decida.

Este verão foi muito significativo para mim, porque cheguei às férias dos Liceus desejoso de descobrir relacionamentos que realmente deixassem algo em mim, e de encontrar pessoas que realmente se interessassem por mim.

Porquê? Por que normalmente as relações com as pessoas não deixam nada em ti?

Pois é, agora vou contar.

É impressionante como vocês começam a falar. Não é que as relações bastem, há muitas relações que não deixam rastros em nós.

Pois é. Antes das férias eu tinha passado alguns dias na base da diversão, de sair à noite com os amigos, com uma companhia com a qual eu estava bem. Eu divertia-me. Mas, quando voltava para casa, depois de acabar tudo, sentia um amargo na boca e sentia que não estava plenamente feliz.

Veem como o detector funciona em vocês? Não podemos fingir que não temos o critério com que julgar tudo. O que quer dizer para ti sentir “um amargo na boca”? O que quer dizer que tu descobres dentro de ti – sem que o Pigi precise de fazer uma homilia, sem que precise vir o Albertino ou um anjo do céu – esse amargo que te dá o indício para entender que há algo que não funciona? Não precisamos de alguém que vem de fora. Não tentes enganar-e dizendo “Não sei, estou perdido”. Não, tu não estás nada perdido. O problema é se somos leais com esta amargo que sentimos na boca ou não. Ponto final. A questão é uma seriedade consigo mesmo. Não ponham a culpa nos outros, naqueles com quem vais à discoteca, naqueles que não te lembram disso, nos amigos que não te ajudaram; tu tens o amargo na boca e deves decidir se segues esse amargo ou se segues o que te leva a algo diferente do amargo. E quem decide isso, rapaziada? Cada um de nós, mas não para ir para o céu no futuro, não porque senão vamos para o inferno no futuro, porque o inferno começa aqui e o céu começa aqui

A coisa que mais me incomodava nesse amargo de boca que sentia era a minha incapacidade de falar disso com esses amigos. Eu sentia esta inquietação, mas não conseguia falar dela com eles,

seja porque não me sentia compreendido, seja porque não lhes interessava de verdade quem eu era, mas só lhes interessava a noitada.

Mas tu achas mesmo que te safas com os teus amigos travando um diálogo sobre uma coisa abstrata? Vais ter de lhes mostrar que encontraste algo que os ajuda a entender. Tu começaste a sentir alguma coisa que não era amarga porque alguém te explicou?

Não, porque senti um interesse.

De facto, o método que Jesus usa é totalmente diferente. Mas como não nos damos conta disto, fazemos sermões aos outros. Mas fizeram-te um discurso quando encontraste o Movimento? Jesus – metam isso na cabeça! – não perdeu nem um minuto a fazer publicidade quando encontrou João e André, nem um minuto! “Vinde e vede”, disse-lhe. Mas muitas vezes, não estando conscientes de como aconteceu connosco, mudamos o método e então pensamos que para encontrar as pessoas precisamos de lhes dar uma aula. Deus, rapaziada, inventou outro método. Quer fazer-te entender o que é o amor? Em vez de te dar uma aula sobre o amor, faz com que te apaixones, uma experiência através da qual tu percebes muito melhor o que quer dizer amar uma pessoa e ser amado. Não te faz um sermão, faz com que te aconteça, faz com que te suceda, para que tu não possas reduzi-lo a um discurso abstrato. Faz-te nascer numa família na qual és amado, dá-te amigos por meio dos quais entende a diversidade das relações, como dizias antes: relacionamentos que deixem um rasto em ti. Não é tudo igual, nem a forma de estar com os outros, nem uma família é igual à outra, nem os amigos são todos iguais uns aos outros. Não é tudo igual. E Deus faz acontecer o amor para que possamos entendê-lo. O amor não é uma palavra abstrata. Sabem por que ocorre o amor? Porque quando acontece a experiência de amar e de ser amado, tu percebes, e quando não acontece tu sentes um amargo na boca. É fácil. Deus faz as coisas fáceis. A questão é que nós, para comunicá-lo aos outros, temos que nos comportar como Deus, não podemos fazer de outra forma. Como vimos: a nossa amiga em Dublin pode encontrar-se diante de um jovem turco que não sabe do que ela está a falar, e como é que o faz entender? Vivendo. Vivendo! Se tu não te dás conta disso, dizes: “Sou incapaz de comunicá-lo e meus amigos não percebem”. E vais começar a pôr neles a culpa porque não percebem; mas eles não podem perceber através de uma “explicação” tua. O problema é que tu não te dás conta de que quem não percebe és tu, porque usas um método para fazê-los entender com o qual é impossível que entendam. Isto interessa-me especialmente, porque senão vocês entram num beco sem saída e, em vez de ficarem exaltados com o facto de eles verem uma diferença em vocês, põem a culpa neles porque não entendem. E então? O que é que fazemos? Será que devemos oferecer-lhes um curso para os preparar para entenderem? Uma espécie de pré-evangelização? João e André fizeram um curso de pré-evangelização, pré-encontro? Não! João e André já estavam prontos para o encontro. Tu já estavas pronto para o encontro. O outro já está pronto para o encontro. Por isso é preciso que aconteça o encontro; não que tu expliques ao outro o encontro, mas que lhe aconteça. Tu estás pronto para te apaixonares?

Estou.

De facto, basta que aconteça. Claro, não é certo que vá acontecer só pelo facto de tu o desejares. Mas tu já estás pronto, para que este evento se verifique não precisas de nenhuma condição particular, a não ser a tua humanidade. Tu já estás pronto. O Mistério criou-te pronto para o encontro, para cada encontro da vida que é só um pequeno reflexo do encontro verdadeiro, exaltante, que é o encontro cristão.

Cheguei com este desejo às férias dos Liceus, onde encontrei alguém que estava na mesma situação que eu ou seja, insatisfeito com o que vivia com seus amigos de discoteca e desejoso de alguém que respondesse à sua necessidade de algo que dure para sempre, ou pelo menos de algo mais do que uma noite na discoteca. Ao contrário de mim, porém, ele tinha conseguido entender que tudo o que tinha não lhe correspondia e tinha-se afastado daquela vida e daqueles amigos que não tinham nenhum sabor nem o faziam feliz. Com esta pessoa nasceu uma relação incrível na qual, efetivamente...

Vês? Como é que o Mistério respondeu ao teu problema?

Encontrei uma pessoa.

Perfeito! Era o que eu te queria dizer antes. O Mistério tornou-se carne, a explicação tornou-se carne. O discurso tornou-se carne e sangue em alguém. É assim que Deus responde. Antes de mais nada, faz com que tu encontres alguém em quem já aconteceu.

Nasceu uma relação na qual eu me sinto correspondido no meu desejo. Ele não me fascina apenas porque representa um testemunho sobre o que era a minha situação, mas porque viz que ele conseguia e ainda consegue despertar em mim o desejo, manter desperta em mim a vontade de ser feliz e principalmente de poder ser eu próprio diante das dificuldades mais urgentes para mim. Experimento com esta pessoa o que estava procurando e desejando desesperadamente: uma relação na qual posso ser livre e onde sinto um interesse real pela minha pessoa, sempre e em todo o momento, não relegado para um momento do dia, como podia ser a minha noite na discoteca. No entanto, terminadas as férias dos Liceus, algumas semanas mais tarde, voltei a cair no erro do começo do verão, ou seja, confundi de novo aquilo de que precisava, e por isso passava os meus dias numa cadeira de praia e, à noite, passava novamente o meu tempo em restaurantes de luxo e lugares da moda com os mesmos amigos de antes.

E então? Agora escolhes.

Naquele momento tornou-se evidente a desproporção entre o que eu tinha encontrado de grande e o que estava a viver naquele momento. Sentia-me completamente sozinho, abandonado por aqueles amigos que não me correspondiam; foi mesmo um momento de tristeza infinita, também na relação com a minha namorada. Naquele momento de tristeza e de desespero, não consegui procurar mais ninguém senão aquele meu amigo que tinha conhecido nas férias. E mais uma vez com ele senti-me renascer, mais uma vez ele me despertou diante das urgências da vida, e não porque tenha resolvido todos os problemas que eu tinha, mas simplesmente porque me mostrava e me testemunhava um modo de estar diante daquelas dificuldades com o meu desejo de felicidade.

Eu agradeço-te muito por teres descrito a dinâmica que viveste, porque isto nos ajuda a entender que o encontro cristão não é uma coisa mágica que acontece de uma vez por todas e depois tudo fica resolvido. Uma pessoa pode, depois de ter visto, voltar ao ponto inicial. “Vês que as férias não serviram para nada?”, dizemos tantas vezes desencorajando-nos, porque nos medimos apenas pela capacidade de sucesso posterior. Mas é realmente verdade que não ficou nada das férias em ti?

Não, senão eu teria ficado com aqueles amigos.

Tu já foste plasmado e já não podes deixar de sentir saudades de ti, como eu dizia antes. Não podes evitar o que te aconteceu e comesças a sentir falta disso. É impressionante, porque não é que tu não estivesse com os amigos de antes, com aqueles com quem ias à discoteca, e no entanto dizes: “Estava sozinho”. Por que é que dizes que estavas sozinho, se estavas rodeado por todos eles? O que é que aprendeste sobre a natureza da solidão?

Eu sentia-me sozinho justamente porque, ao mesmo tempo que tinha experimentado um tipo de relação na qual era continuamente relançado...

Mas aqueles amigos também te relançavam constantemente... a ir à discoteca!

Com aquele meu amigo que encontrei nas férias eu conseguia ser eu mesmo.

Ah! O que é que nos torna nós mesmos e, portanto, vence a solidão? O que é a solidão? Não é não ter ninguém ao nosso lado, tu estavas cheio de amigos, porém sentias-te sozinho. A solidão de que estamos a falar, a verdadeira solidão, diz Dom Giussani, é a falta de significado, é a impotência que sinto diante da minha insatisfação. Por isso posso estar rodeado de pessoas e estar sozinho, porque elas não são capazes de responder à minha impotência, à minha incapacidade de ser feliz. Não é por sermos mais, mais, mais e mais, que ficamos mais plenos e menos sozinhos. Cuidado, porque pode acontecer também dentro deste âmbito: se vivermos os Liceus desta maneira, mesmo rodeado por amigos podemos estar mais sozinhos. Porque a questão não é estar rodeados de pessoas, mas se esses amigos trazem “a resposta para a minha impotência, se me dão algo que deixa um rasto em mim”, como tu dizia antes, que “me dão algo que responde à minha necessidade; senão, mesmo rodeado de pessoas, fico sozinho”. Espanta-me que vocês identifiquem todas as questões, por exemplo, que tu te dês conta de estar rodeado de pessoas e, ao mesmo tempo, de estar sozinho, isso

é genial. Vocês descobrem isso nas vossas próprias experiências, não sou eu que tenho de dizer-lhes. Porque se eu te explicasse isto sem que tu tivesses já tenha feito experiência, tu não perceberias o que te digo; e no entanto, tu percebes, e não é porque alguém to tenha explicado. Senão, não só perdes os amigos, como também não percebes sequer a relação com a tua namorada, nem as relações mais verdadeiras e estreitas que tens, aquelas a que tu dás mais importância. Tudo se desfaz entre as nossas mãos. Isto é fatal. E não é um problema de moralismo ou da vida eterna, porque diz respeito ao viver agora. Cristo, com efeito, veio para tornar tudo cem vezes mais. Senão, se alguém acaba por não encontrar alguma coisa que o impeça de perder tudo – pode confessá-lo a si mesmo ou não –, se te sentes sozinho mesmo estando com os teus amigos, o que são esses amigos? Nada. Como podes afeiçoar-te a eles? Só estás afeiçoada simplesmente de forma superficial, porque vais com eles à discoteca, e não porque te levem a responder ao teu desejo de felicidade. Quem é o único amigo? O amigo é quem é capaz de me ajudar a responder à única coisa que desejo na vida: ser feliz. Se não responde a isto, está a brincar comigo. Não é amigo, ainda que eu lhe chame “amigo”, porque nós chamamos “amigo” ao primeiro que passa na rua porque vamos beber uma cerveja com ele, mas depois não deixa um rasto em nós. Então começamos a entender o que significa ser amigo, o que é ter um amigo, o que é vencer a solidão, o que é ter um relacionamento verdadeiro com a namorada. E quando uma pessoa vê que tudo se desfaz, não pode não voltar, não pode deixar de ter saudades do amigo graças ao qual renasce. Percebem por que é que somos cristãos? Não porque sejamos melhores – de facto podemos fazer as mesmas asneiras de toda a gente –, mas porque nos aconteceu alguma coisa que já não podemos tirar de dentro de nós; tropeçando, andando para a frente e para trás, decaindo, desencorajando-nos, mas sem nunca mudar de caminho. Por quê? Porque é aí que o eu renasce até mesmo das próprias cinzas, como veem. Não se assustem que este desencorajamento possa acontecer. A coisa mais importante é que, quando o Senhor vos torna de novo conscientes disso, vocês se lembrem daquele amigo; e então poderás ceder de novo e segui-lo, e não flagelares-te porque decaíste. Que mistério existe no facto de a fraqueza ser fraca e tu te perderes um segundo depois? Como diz Giussani: não é que no dia seguinte Zaqueu não tenha discutido mais com a mulher. Mas nós temos uma imagem da santidade que é dum ser absolutamente sem mácula; aqui reside todo o drama da vida. O único problema não é não errarmos. O Evangelho disse-nos tudo o que Pedro fez, não apagou nada, assim como nós não devemos apagar nada do que nos acontece, porque é isto o que nos torna conscientes do facto de eu poder errar tantas vezes, mas não poder deixar de me lembrar do amigo que me fez renascer. Agora decidam! Todo o drama está aqui, no momento em que me dou conta de novo e a partida recomeça, o drama recomeça. E todos os erros que eu possa ter feito não me impedem de voltar. Por isso, se eu não volto não é porque fiz asneiras, mas porque não quero voltar. Ninguém te impediu de voltar. Toda a vida se joga neste instante, e Deus fez tudo aquilo que fez para provocar alguém que Lhe diga que sim, mesmo depois de O ter negado. Jesus, com efeito, não se detém no que Pedro fez, mas pergunta-lhe: “Tu amas-me?”. E eu pergunto-te a ti: “Tu queres a vida que encontraste? Queres renascer?”. Então procura-o! Ninguém te impede disso, ninguém te pode impedir, mas ninguém te pode poupar a isso. Esta é a tua liberdade, o drama da tua liberdade. Porque, como diz Péguy, que citei nos Exercícios da Fraternidade (é fantástico este trecho de Péguy!): “Por esta liberdade [...] sacrifiquei tudo, diz Deus, / Pelo prazer que tenho em ser amado por homens livres, / Livrentemente” (“Il mistero dei santi innocenti”. In: I Misteri. Milão: Jaca Book, 1997, p. 343). Deus não quer servos, não quer escravos, quer amigos que O amem como homens livres, livremente. Tu preferes que te amem livremente ou não? E Deus haveria de ter pior gosto do que tu?

Obrigada pela pergunta que tu, o Albertino e o Pigi nos fizeram. Foi para mim uma provocação e uma ocasião para me interrogar. Quando, no Tríduo, tu nos perguntaste se já tínhamos feito a experiência de um amigo que nunca nos tivesse abandonado, eu, sendo incapaz de ser falsa comigo mesma, disse para mim mesma: “Não, eu nunca encontrei um amigo que nunca me tenha abandonado”; todos, mais cedo ou mais tarde, se esqueceram de mim e me feriram, mesmo sem querer. Todos não são suficiente.

“Todos não são suficiente.” Ótimo! Todos não são suficiente. Mas nós podemos passar por cima destas afirmações que fazemos ou que ouvimos, sem vibrar, sem ficar exaltados. Todos são muito poucos. Por que sentes que são poucos? Tens que pôr na cabeça: todos são muito poucos. Por quê? Por que são muito poucos?

Porque me dou conta de que ao estar com os meus amigos, ainda que a maneira de estar com eles seja verdadeira e bela, no fundo não me satisfaz até ao fundo...

Não satisfaz. Muito bem! Não satisfaz. Então o que é que tu desejas e que todos os teus amigos não são capazes de satisfazer? E o que é que isto te faz perceber sobre ti? É a questão decisiva que tens que ter em conta: o que te faz perceber sobre ti? Se perceberes isso, depois já não poderás acusar os outros por não estarem todos ao teu lado, porque, mesmo se estivessem todos, não satisfariam a tua necessidade. Então vamos deixar o nosso desporto favorito, que é acusar os outros por não estarem presentes. Este é mesmo o nosso desporto favorito: há sempre alguém que falta, e assim passamos a vida a acusar os outros por não estarem à altura do que nós esperamos deles. Mas, mesmo que estivessem lá todos, todos seriam muito poucos, muito poucos para nós. Então deixemo-nos disso! Esse desporto é inútil. Ainda que estivessem todos presentes, todos não seriam suficiente. Dizer isto significa que nós começamos a dar-nos conta daquilo que somos nós, não os outros, mas nós; e, como consequência, o que são os outros. E o que é que isto te diz sobre ti?

Que não é a relação com o amigo ou o próprio amigo o que me deixa feliz.

Por que não? O que te diz de ti?

Que sou feita de alguma coisa maior do que a relação com o amigo, que não é o amigo que me satisfaz.

Exato. E por quê? Isto diz-nos o quê sobre aquilo que tu desejas? O que te diz daquilo que tu és? Isto é apaixonante, rapaziada! Quem somos nós, que todos não são o suficiente? Quem somos nós, que todos não são o suficiente? Impressiona-me como Dom Giussani tinha essa consciência até à medula; tanto é verdade que quando alguém diz: “Agora venho eu e ponho as coisas em ordem” – que seria como dizer-te: “Agora chegamos nós todos e resolvemos o teu problema”, mas não podemos resolvê-lo. Por quê? O que é que nos diz da natureza do teu desejo? Porque isto é libertador para todos –, Dom Giussani responde: “Que melancolia” (“A longa marcha da maturidade”, Passos, n. 92, abr. 2008, p. 18). Quando achamos que os outros podem ser o suficiente, ou nós mesmos achamos que somos o suficiente para os outros, ele diz: “Mas que melancolia só de pensá-lo!”. Que consciência tinha Dom Giussani da grandeza do eu que somos, do “Mistério eterno / do nosso ser” (G. Leopardi, “Sobre o retrato de uma bela mulher”, v. 22-23. In: Poesia e prosa, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, p. 276), como dizia Leopardi. É inútil explicar-te tudo isto, se tu não o perceberes dentro de ti, se tu não experimentares algumas vezes que todos não são o suficiente. É assim que o Mistério nos faz entender o que somos, não com uma explicação, mas fazendo-o vibrar dentro de cada fibra do teu ser. Todos não são o suficiente. E então?

Num primeiro relance, no Tríduo, antes de dizer: “Sim, Jesus existe e Ele ama-me”, surgiu a minha objeção humana.

Exato. Antes, porque senão metemos um penso rápido.

Surgiu a minha objeção humana e chorei, porque no fundo aquela pergunta revelou o desejo do meu coração...

«Revelou o desejo do meu coração». Muito bem!

...que é o de encontrar alguém que realmente me ame e que nunca me abandone, alguém que me realize. É a procura por um tu, e é a procura que me atormentou nestes meses e que continuamente me agita. Quem és tu, tu que me faltas, tu que originas em mim este vazio, esta nostalgia lancinante? Só tenho a certeza de duas coisas diante desta pergunta: o único lugar onde entrevi uma resposta a esta minha exigência de significado foi a companhia cristã, e além disso eu sou inegavelmente incompleta, sou mendicante, como diz Dom Giussani. Este verão foi repleto de encontros, de experiências realmente excepcionais, no sentido que Dom Giussani entende, correspondentes à espera do coração, diante das quais não posso senão reconhecer e afirmar que

foram dadas e doadas a mim. Todas as noites, porém, com mais ou menos consciência, dei por mim ainda mais cheia de desejo por ser incompleta, ainda incompleta, mesmo depois de ter passado uma semana no lugar que mais amo no mundo, o acampamento dos escuteiros, onde redescobri amigos e encontrei amigos novos e sinceros, verdadeiros companheiros de caminho, até mesmo depois do dia em que fomos ver o nascer do sol no Cervino, a coisa mais bonita que já vi. Bem, eu não sei bem o porquê e não entendo o como até o fim, mas tenho essa nostalgia constante, esta exigência de um mais, sempre. Perguntei-me muito nestes dias (tinha o exame de grego, tive de estudar muito) o que queria dizer um amigo que não abandona e pedi na oração para pode encontrar um amigo assim, um amigo, também no estudo, sobretudo no estudo. Não posso dizer que encontrei Cristo ao estudar a historiografia e os autores gregos, porque estaria a mentir um bocadinho, mas posso dizer que não houve um segundo em que tenha sido deixada sozinha: um telefonema inesperado de um amigo de Londres; os amigos que se estão a preparar para as provas de admissão que me convidam para estudar com eles; a minha mãe, que é uma pessoa muito dura, muito severa, e que me abraçou carinhosamente e me fez a cama todas as manhãs antes do exame, para me ajudar como podia. Nestes dias tive a nítida percepção de que através dos rostos que estão ao meu lado passa a mesma afeição, a mesma amizade pontual e autêntica que eu procuro e desejo. Ainda que os rostos dos meus amigos sejam imperfeitos, é inegável que carregam um sinal, algo de especial que me fascina, que me corresponde. Eles carregam um mais, ainda que sejam imperfeitos, maravilhosamente imperfeitos. Tenho-me dado conta de que a amizade dentro da companhia não abandona: uma mensagem, um lugar guardado na assembleia, um sorriso do amigo que passa de carro, uma lembrança; tudo me leva a pedir, a ficar atenta, a reconhecer. Ainda não sei dar um nome a esse mais que eu intui na amizade com os Liceus, mas eu sou necessitada dele. Sou feita para esse mais, para o infinito, por isso sigo a companhia que me acompanha, me abraça com todos os meus defeitos, que me encontrou e nunca me abandona.

“Quem és Tu que me faltas?” Mas antes disto, tu deste-te conta de que todos não são o suficiente: é isto que revela o meu desejo, que me faz entender a natureza do meu desejo. Então, se não são os amigos o que eu procuro, o que é que eu procuro? Quem é que me falta, se todos não são o suficiente? Quem é que me falta? “Quem me falta?”, pergunta-se. Porque, não sendo eles, quem falta? De que me sinto “faltante”? “De que é falta esta falta, coração”, dizia Mario Luzi (“Di che è mancanza...”). In: *Sotto specie umana*, Milano: Garzanti, 1999, p. 190). Veem? Nós podemos entender o alcance dos poetas, do que dizem os poetas, justamente porque o sentimos vibrar em nós. Não tentamos dizê-lo e não conseguimos dizê-lo tão bem como Luzi, mas quando o lemos, reconhecemos: “É isto!”. De que é falta esta falta? Tu disseste-o de outro modo. E o que acontece? Como tu dizes: “dei por mim ainda mais cheia de desejo por ser incompleta, e todas as noites me sinto ainda incompleta”. Isto é o viver. Posso ver o monte Cervino ou posso estar nas férias e estar incompleto. Então fico com saudades desse mais, sempre. E o que é que fizeste? Se todos não são o suficiente, se são muito poucos, se o Cervino é muito pouco, se as férias são muito pouco, o que é que tu fizeste?

Pedir.

O pedido nasce daqui. Não é que não tenhamos mais nada para fazer; o problema é que, nunca sendo suficiente tudo aquilo que encontro para satisfazer o meu desejo, peço. O pedido nasce das entranhas do eu necessitado; não de quem não tem nada para fazer, mas de quem viveu, que vive, que vai a Cervino, que vai às férias, que tem amigos, mas se dá conta de que tudo isso é muito pouco. Tudo é pouco, “pequenino”, diz Leopardi. É esta a companhia que nos fazem os génios: “E descobrir como tudo é mísero e pequeno diante da nossa alma” (G. Leopardi, “Pensamentos”, LXVIII. In: *Poesia e prosa*, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, p. 497). Se tudo o que temos é muito pouco, o que podemos fazer? Somente pedir. Pedir. O pedido nasce das entranhas, não nasce de uma postura “devota”, cheia de piedade. Do devocionismo nasce apenas um pedido formal. O verdadeiro pedido urge das entranhas do eu, nasce da necessidade do coração. Então peço e volto-me para a maneira como um outro me responde. E como me responde? Tu demonstraste como Ele responde a este pedido. Cada um de nós cria uma imagem, na própria criatividade, de como o

Mistério – caso fosse inteligente como nós! – deveria responder-nos. Mas que perspicácia quando, em vez de imaginar, olhamos para como responde! É outro método, aquele que Dom Giussani nos ensinou desde o primeiro capítulo d’*O sentido religioso*: “Pouca observação e muito raciocínio conduzem ao erro. Muita observação e pouco raciocínio conduzem à verdade” (cf. A. Carrel, *O homem perante a vida*. Porto: Educação Nacional, 1959, p. 33). O que é que tu fizeste? Muita observação. Deparaste com factos que te despertavam, através de rostos, certos rostos, e acrescentaste uma palavra incrível. Que palavra? Vês?! Nem mesmo tu te lembras dela! “Imperfeitos.” E no entanto há quem diga: “Não, se as pessoas são imperfeitas, não podem trazer-me a resposta”. Já Lutero dizia isto: “Se são imperfeitas, as pessoas não podem trazer-me Cristo. São imperfeitas demais para trazê-lo. Não pode ser”. A tentação é sempre esta: as pessoas são imperfeitas demais para O trazer até mim. E no entanto são justamente elas, apesar da sua imperfeição, que levam ao mundo esse mais. É inadmissível! O Mistério chega-nos através destes “imperfeitos”; uma vez que somos imperfeitos, o Mistério não poderia chegar a nós de outra maneira; se tivesse agido diferentemente, Ele é que teria errado o método. Por isso começou escolhendo alguém como Abraão, que era imperfeito como o eram todos aqueles que chamou depois dele. Também nós, agora, somos imperfeitos, somos cheios de imperfeições, mas isto não impede Deus – como, pelo contrário, achamos muitas vezes – de se fazer presente, não é um obstáculo à Sua manifestação. Porque aquilo que alcança as pessoas não é em primeiro lugar a imperfeição, mas aquele “mais” que as pessoas carregam através da própria imperfeição, e que não pode ser levado senão na própria imperfeição. Levam algo a mais. Quando a nossa amiga falava da surpresa dos turcos, não é que ela se ache perfeita, mas reconhece que toda a sua imperfeição não impede que aqueles rapazes muçulmanos reconheçam nela uma diferença, assim como a imperfeição não impede que tu a reconheças na tua mãe, ainda que às vezes ela possa ter uma aparência dura. Nada to impede. E isto elimina pela raiz muitas objeções que nós temos em relação a uma companhia que necessariamente é imperfeita. Deixem-se disso! Estas objeções são de quem não parte da experiência. Porque, quando partimos da experiência, percebemos que renascemos, que nos reacendemos pelo encontro com pessoas imperfeitas, como dizia antes o nosso amigo. Deus usa pessoas assim cheias de limites para me fazer renascer. Então o problema não é termos limites, mas se eu aceito renascer quando alguém me traz esse “mais”, ainda que no meio de todos os seus limites. Deus não se comporta assim porque é um ingénuo, mas porque quer que tu não erres ao julgar. Quando São Paulo afirma que “trazemos esse tesouro em vasos de barro” (2Cor 4,7), por que razão diz isso? Deus podia servir-se de outros vasos que não fossem de barro para nos trazer o tesouro que é Jesus? Sim. Podia gerar pessoas totalmente perfeitas? Poderia tê-lo feito, sendo Deus. Mas qual teria sido o risco? Se o Pigi fosse perfeito, o risco seria o de confundir Cristo com ele. Mas não! O Pigi, com todo o seu limite, é um vaso de barro que carrega Algo diferente. Sabem como é que o Mistério faz para entendermos isto? Escolhe alguém em que se veja com clareza que não é aquela pessoa a origem daquilo que traz consigo: na história de Israel escolhe mulheres estéreis, como se dissesse: “Quero fazer entender a todos que fui Eu quem gerou João Batista, por isso escolho Isabel e faço-a dar à luz quando é impossível para uma mulher dar à luz; e assim é evidente a todos que sou Eu quem age”. E isto é uma ajuda para nós. De facto, como é que Deus se faz presente na história? Por meio de factos, de sinais pelos quais fica absolutamente claro que a origem é Sua. Como nos faz entender isso, a nós que somos meio limitados para entender? Escolhe maneiras através das quais nós, tão limitados, podemos entender: faz nascer um filho de uma mulher idosa. Deus fez assim desde o começo com Sara, a mulher de Abraão. Mas ela, quando ouve dizer que vai dar à luz, ri, ri! “No ano que vem, por esta altura, voltarei a ti, e Sara, tua mulher, já terá um filho” (Gn 18,10). E quando passado um ano Sara tem um filho, o que significa para Abraão? Que ele foi tão bom que a fez dar à luz quando não podia? Não, Abraão dá-se conta de que aquele parto tinha sido obra de Deus. Como é que Deus age? Não age contando-nos histórias, contando-nos sonhos, mas dando-nos factos – factos! – que podemos tocar e ver, de modo que dizemos: “Com é possível que uma mulher estéril dê à luz?”. “Sou eu”, diz Deus, “vedes quem sou? Vedes quem é a origem desse facto?”. Para o antigo povo de Israel, a esterilidade era a suma

imperfeição. Uma mulher estéril que dá à luz? Impossível! Por isso Deus diz: “Mas eu demonstrovos que é possível, porque Eu sou aquele que faz, e para não vos confundirdes nem pensardes que acontece porque Abraão ou quem quer que eu escolha seja perfeito e bom”. Vocês perguntam-se: “Mas é Cristo, isto?”. “É mesmo Cristo quem nos faz esta companhia assim?”, perguntamo-nos às vezes. E como é que Cristo nos responde? Fazendo-nos ver que o que encontramos nesta companhia não é possível pela nossa perfeição, mas porque é Ele quem age, como fez com Abraão e Sara. Desde o primeiro instante: Sou Eu o protagonista da história e não vos dou sinais pouco claros, escolho a mulher estéril para ser evidente para todos, e depois esse sinal, e depois este outro, e depois mais outro, até chegar a Jesus, que nasce de uma virgem”. Este é o método de Deus. Mais evidente do que isto é impossível. E também agora Deus continua a fazer-se presente por meio da imperfeição. Mas nós insistimos: “Como?! Através da imperfeição dessas pessoas Deus pode dar-me esse mais?”. E então? Ou é imperfeição, e então não te traz esse mais, ou esse mais é tão evidente que nem sequer a imperfeição pode negá-lo. Há alguém que é mais do que aquela imperfeição – a tua, a sua – que te carrega. Dá para perceber?

Queria contar uma coisa que aconteceu na caritativa, onde ajudamos os miúdos do centro paroquial a estudar. Começamos este ano, por isso não conhecíamos o lugar e tudo o resto. O centro é frequentado por miúdos de todas as idades, dos cinco aos vinte anos, com os quais estudamos. Uma vez eu estava a descer para o parque para ir buscar os miúdos para estudar com eles, e estavam lá alguns rapazes um bocadinho mais velhos. Pararam-me nas escadas porque gostam de armar confusão, queriam lutar, mas eu não. E por isso disse-lhes: “Estou aqui porque quero apenas ajudar os miúdos. Não estou aqui para lutar”. É estranho, porque para mim sempre foi mais fácil responder: a quem nos trata com violência respondemos com violência, é mais fácil, pelo menos para mim sempre foi um bocadinho mais fácil. Porém naquele momento fiquei parado diante deles, que...

Por que razão? Porque tinhas perdido a energia, porque tinhas perdido “os atributos” ou por qualquer outro motivo?

Não, não, não.

Por que é que ficaste quieto?

Eu pensava na Violaine, não reagi pelas crianças, queria estar lá para eles e não para lutar, até porque o motivo deles era insignificante, na verdade diziam que eu tinha olhado torto para eles. Basicamente é inútil, de qualquer forma. E mesmo depois de terem insistido, quando se tornaram violentos, eu fiquei quieto até que chegaram duas raparigas...

De onde nasce essa firmeza? Não quero que tu percas o significado do que estás a dizer. É a mesma coisa do que a esterilidade de antes. De onde nasce? Porque tu encontras em ti algo diferente; tu normalmente és assim?

Não.

Habitualmente reages, ou ficas quieto?

Habitualmente reajo.

E reages bem! Não são os «atributos» que te faltam! Mas então por que é que ficaste parado?

Basicamente, ainda é uma pergunta em aberto. Depois de acontecer este facto, chegaram duas raparigas que intervieram e nos separaram. Depois fui-me embora com a responsável da nossa caritativa, pôs-me no carro e levou-me para casa. Eu estava a viver um momento difícil, porque a raiva, o responder, sempre foi um ponto difícil que sempre tentei eliminar; todos, inclusive a minha família, sempre me disseram que é um ponto que não era bom. E sempre me fizeram olhar para ele como o ponto negativo, que deve ser eliminado, que se deve eliminar porque é horrível, e então eu também o via assim. E, mesmo ficando parado, a raiva continuava.

É justamente isto que quero ajudar-te a perceber.

Chegado a casa, estavam lá a Antonella e o meu irmão. No passado sempre notei que, quando ficava irritado, tanto o meu irmão quanto os meus pais, que são os que melhor me conhecem, nunca se permitiam ficar comigo: talvez fingissem que nada se passava, ou então iam-se embora e

eu ficava ali “assim”, tinha eu que “gerir” sozinho a minha raiva. Naquele dia, porém, cheguei e a Antonella olhou para mim, abraçou-me e depois pediu-me que lhe contasse o que tinha acontecido, tudo. Conteí, e depois ela disse-me: “Na próxima sexta-feira voltas lá para fazer caritativa”. Eu não queria, porque pensava: “Veio ao de cima este meu ponto que odeio, e não quero que volte a acontecer, que salte outra vez”. Mas ela olhou para mim e disse-me: “Tu voltas lá”. Inicialmente fiquei aborrecido, porque não queria, mas depois pensei: “Olha o que estás a arriscar”, não estava a dizer-me o que eu gostaria que me tivessem dito: “Sim, fica calmo, aconteceu isso mas vamos resolver tudo, volta à caritativa que fazias dantes”. Eu via que ela estava a apostar tudo, estava a arriscar dizendo-me: “Vai lá”, porque eu podia voltar ou podia dizer: “Estás a dizer-me para fazer o que eu não quero, e eu não vou”. Mas naquele momento eu senti-me olhado não apenas pelo que queria que ela olhasse, mas por tudo, também por aquilo que eu não quero olhar, a minha raiva, que me incomoda, que não quero. Depois de algumas semanas, voltei à caritativa, e era difícil, porque todas as vezes há algum receio de que aquela coisa volte a acontecer. Mas, mal cheguei, havia crianças à minha espera, e isso tocou-me, porque afinal de contas, não é que se vá trabalhar de muito boa vontade, porque as crianças não querem estudar e então até te acham antipático, tu não ficas lá muito contente; mas eu cheguei e as crianças estavam à minha espera, e então o medo, a dificuldade, o facto de que aquela raiva pudesse voltar, passaram quase para o segundo plano; eu queria ir ter com eles todas as sextas-feiras, estavam à minha espera. E também quando, depois, eu encontrava aqueles rapazes – porque viam-se por ali, não é que nunca mais os tenha visto – era uma ocasião para fazer memória do dia da caritativa em que tinha acontecido aquilo que aconteceu há um anos, mas da qual me lembro todos os dias.

E o que é que ficou na tua memória desse dia?

O facto de a Antonella ou o meu irmão, com o qual sempre tive uma relação assim-assim, terem estado lá, terem olhado para mim, e terem olhado para o único ponto que nem mesmo eu quero olhar.

E o que é que permite que eles olhem para aquilo que tu não queres olhar? Na tua opinião? Eles são estúpidos, não percebem bem o que é que tu vês e por isso não sentem todo o ódio que tu sentes diante da tua raiva? Por que razão é que eles podem olhar para a coisa que tu não consegues olhar devido ao ódio que te provoca? O que veem eles que tu não vês? Porque são bons? “São bons, mas estúpidos, porque não veem o que eu vejo, porque se vissem não poderiam não sentir todo o ódio que eu sinto”. O que veem eles que tu não vês? O que permite que eles vejam?

Depois de isto ter acontecido, nasceu uma relação de amizade com a Antonella; já existia antes, mas...

Não saltes etapas. Por que razão nasce a amizade com ela? A amizade nasce se tu percebes por que razão ela consegue olhar para aquilo que tu não consegues olhar. E é justamente porque ela pode olhar para isso que também tu, em qualquer momento, podes olhar. Tu tens de começar a olhar para ti como a Antonella olha para ti. Começa a olhar para ti assim aos poucos, e da próxima vez diz-me porquê, o que aconteceu, se descobriste um pouco mais por que razão é que ela consegue olhar assim para ti. Ela não tem nenhum problema em olhar para tudo, que é o que tu também gostarias de fazer: tu não queres olhar para muitas coisas que te perturbam; gostaria de arrancar a raiva de ti. No entanto, estás diante de alguém que pode olhar para tudo, e descobres que com ele ou com ela podes olhar para tudo. Nós encontrámos alguém com quem se pode olhar para tudo sem censurar nada. Porque, se tu censuras, depois carregas todo o peso daquilo para o que não podes olhar. Mas tu podes olhar para tudo, para te reconciliares com tudo. Por que é que São Pedro pode olhar para tudo? Tu não fizeste nada, em comparação com o que Pedro fez, ele chegou a negar Jesus diante de todos, ele renegou-O: “Não conheço esse homem” (Mt 26,72-74). Entrou na história Alguém que, enquanto Pedro estava todo preocupado – “O que será que me vai dizer agora, vai recriminar-me” –, em vez de o recriminar, olhou para ele sem censurar nada; sabendo o que tinha feito, pergunta-lhe: “Tu amas-me?” (Jo 21,16). Percebes de onde nasce a amizade de Pedro com Jesus? Da mesma maneira como nasceu a tua amizade com a Antonella: de alguém que olha para ti como Jesus olhou para Pedro, que o tinha traído. Jesus dá-te alguém como a Antonella para te fazer descobrir o que é

capaz de despertar uma amizade assim. E para que é tão importante alguém assim? Para que, sendo nós uns pobres coitados e cheios de coisas que não queremos olhar, possamos entender a necessidade que temos de alguém que não tenha medo de olhar para tudo. Sem isto, não poderíamos ser amigos, porque sempre há alguma coisa que não queremos olhar. Por isso, se Jesus não tivesse olhado para tudo em nós, não poderíamos ser Seus amigos, porque haveria sempre alguma coisa da qual nos envergonharíamos. Com Ele podemos olhar para tudo.

A. Bonfanti. Obrigado, Julián, porque fizemos uma experiência real de uma amizade verdadeira.